

Olaria Explora Trabalho Infantil em Piracicaba¹

Lucas JACINTO²,
João Turquiai JUNIOR³,
Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, SP

RESUMO

A reportagem de revista “Olaria explora trabalho infantil em Piracicaba” buscou, por meio de uma série de entrevistas, contar o que havia gerado e por que seria inaceitável a existência da exploração de trabalho infantil no setor de olarias do município. Além de revelar uma história de oito anos de trabalho realizado pela prefeitura com os empresários do setor, a reportagem traz um flagrante de menores desempenhando funções proibidas em uma olaria, além de relatos por parte do setor público, como Ministério Público do Trabalho (MPT) e Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que retratam a precariedade das repartições no monitoramento e acompanhamento do trabalho infantil na região de Piracicaba. Fruto do jornalismo investigativo e do bom relacionamento com as fontes, a reportagem é uma denúncia e atende a função social do jornalismo ante a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

investigação; denúncia; revista; exploração; flagrante

INTRODUÇÃO

Cada vez mais se faz necessário contrariar a tendência de monetização da informação que corrompe o processo de produção de notícias, reportagens e matérias, e buscar, com engajamento, entender os assuntos que integram nosso cotidiano desde suas raízes. Principalmente no que diz respeito aos problemas do dia a dia e a luta incessante por justiça, direitos e igualdade, o jornalismo tem muito a oferecer. Por isso, a reportagem “Olaria explora trabalho infantil em Piracicaba” é, bem como aponta Lustosa (1996, p. 104), despreocupada com o factual ou com os acontecimentos rotineiros porque objetiva a interpretação dos fatos, a análise de suas consequências e das origens desses fatos.

OBJETIVO

Entendendo a função social do jornalismo e a capacidade socioeducativa de uma revista,

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo modalidade Reportagem em Jornalismo impresso (avulso)

² Aluno líder e estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo, email: lucazedge@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso jornalismo, email: joaoturquiai@hotmail.com

este artigo objetiva descrever a produção da reportagem de revista “Olaria explora trabalho infantil em Piracicaba”, publicada na edição 80 da revista Painel – produzida pelos alunos do curso de Jornalismo da Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep).

JUSTIFICATIVA

Constituída de 26 matérias produzidas inteiramente por alunos do 7º semestre do curso de Jornalismo da Unimep, a edição 80 da revista Painel, lançada em novembro de 2014, abordou exclusivamente o tema trabalho e seus assuntos correlatos. A reportagem sobre a exploração de trabalho infantil, que conquistou destaque como matéria da capa da edição, foi produto de uma pauta específica que visava atender à demanda de exploração de mão obra irregular de modo geral.

Afunilando, na busca por alguma questão que requeresse certa imersão, bem como é feito quando se produz qualquer matéria para revista, o assunto abordado pela reportagem veio à tona em uma visita de reconhecimento ao Centro de Referência da Saúde do Trabalhador (Cerest) de Piracicaba. Com a representatividade que pode alcançar uma matéria de revista e seu poder socioeducativo, bem como a função social do jornalismo disseminada por esta categoria de impresso, a produção da reportagem encontrou um ponto de partida que atendia o editorial da revista e a premissa da exploração de mão de obra.

A representação é cognoscente, cognoscível, analisável, descritiva por um espírito sujeito que, além do mais, pode, pela troca de informações e descrições com outros espíritos-sujeitos, objetivar melhor e enriquecer sua percepção e, nesse sentido, conferir o seu conhecimento do mundo exterior. (MORIN, 2006, p.132).

De acordo com a mestra em Comunicação Social pela Universidade Católica de Pelotas, Larissa Lauffer Reinhardt Azubel (2012, pg. 272), “na confecção do texto do magazine, por exemplo, o jornalista entra em contato com um acontecimento, que ele computa e sobre o qual cogita. Mas ele precisa de mais informações e de depoimentos que deem legitimidade ao relato”. É aí que ocorre o contato com as representações oriundas das fontes sobre o fato.

O jornalista conhece os dados, enriquece sua percepção, realiza a análise e sintetiza, oferecendo a sua representação ao leitor – ainda que a “sua” história não seja apenas sua, tendo também influências de outros profissionais, como o editor. (...) Neste sentido, é válido enfatizarmos que a apreensão da realidade nunca é direta, mas se realiza através da mediação tradutora de sinais/signos/símbolos. É por meio da linguagem que temos acesso a nós mesmos, ao outro, aos acontecimentos, ao jornalismo de revista. (AZUBEL, 2012, pg. 272)

Para tanto, o assunto – exploração de trabalho infantil- se encaixara na premissa temática da revista, preconizando um trabalho de profundidade, também objetivado pela linha editorial da produção. Além de trazer à tona um assunto antigo com um olhar diferente, lidando com a mediação de sinais e apreensão da realidade indireta como bem descreve Azubel (2012, pg. 272), justifica-se a realização dessa reportagem pela necessidade de dar voz aos indefesos e silenciados, de notificar a sociedade sobre aquilo que acontece bem debaixo de seus próprios olhos.

Se uma comunidade está sem água, sem luz, sem posto de saúde, ou sem escola, os meios de comunicação têm o dever de expor o problema até ele ser resolvido, ou então a denúncia inicial vira apenas pirotécnica, sem nenhum comprometimento sincero com a comunidade. (Flausino, 2002, pg. 50)

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Do início ao fim – elaboração da pauta à finalização da reportagem -, foram utilizados conceitos que abrangem desde o jornalismo investigativo até a ética no jornalismo. Para decidir o tema mais coerente e quão longe seria possível chegar no processo de pesquisa e produção do material, muito foi pensando em relação ao critério de noticiabilidade.

A noticiabilidade é constituída pelo complexo de requisitos que se exigem para os eventos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos aparatos informativos e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas –, para adquirir a existência pública de notícia. (WOLF, 2003, pg. 195)

Isso porque, era necessário checar uma série de informações que garantissem que a publicação não trataria mais uma vez do velho mau da exploração de trabalho infantil.

De acordo com Ponte (2004), as notícias não se pautam pelo inesperado ou pela negatividade do factual ante a sociedade. “Os valores-notícia são mais do que uma listagem de atributos das notícias, combinados ou combináveis. Operam como estrutura de retaguarda social, profunda e escondida, e requerem um conhecimento consensual sobre o mundo”, (PONTE, 2004, pg. 114). Compreendendo que a pauta abordaria então, algo mais relevante que um triste acontecimento factual, o conceito de *gatekeeper* veio à tona quando

foi pensado se seria possível publicar algo que relacionava um assunto tão delicado como o tal.

A teoria do *gatekeeper* avança igualmente uma concepção bem limitada do trabalho jornalístico, sendo uma teoria que se baseia no conceito de “seleção”, minimizando outras dimensões importantes do processo de produção das notícias, uma visão limitada do processo de produção das notícias. (TRAQUINA, 2005, p. 151).

Tomando conhecimento mais aprofundado da situação das olarias em Piracicaba, a partir do Cerest, a investigação tomou corpo quando o agente do órgão revelou o envolvimento da prefeitura com o setor no sentido de melhorá-lo, ao passo que depois de uma série de incentivos havia ainda muitas irregularidades. Para ter acesso aos múltiplos lados da história, a imparcialidade no relacionamento com as fontes foi essencial. O distanciamento colaborou para que algumas informações em relação ao Cerest e às olarias fossem obtidas pelo próprio repórter, sem intermédio ou influência.

O jornalismo vale-se dos conflitos, da diversidade de ideias, da variedade de opiniões, da multiplicidade de interesses e da complexidade das relações humanas, atributos protagonizados pelas fontes jornalísticas e percebidos pelo público pela notoriedade, surpresa, utilidade, dramaticidade, pelo suspense, conhecimento e inusitado. (KARAM; SCHMITZ, 2010, pg. 171)

Entre entrevistas telefônicas, via e-mail e também pessoalmente, o cenário passou a ser esboçado, mas precisava de algum tipo de registro visual para garantir a autenticidade e veracidade do que a publicação estava tornando público. A fotografia é responsável também pela mudança de postura, de ideias e de conceito no futuro – e não da reafirmação da realidade. Assim se faz uso do despertar propiciado pela fotografia para um novo amanhã, que surge a partir da premissa de que por meio de imagens que é possível “grifar” novos olhares para velhos assuntos, moldando a sociedade cada vez mais em um pensamento coletivo, onde o jornalismo defende os fracos e oprimidos.

Quando olhamos uma fotografia, não é ela que vemos, mas sim outras que se desencadeiam na memória, despertadas por aquela que se tem diante dos olhos. [...] As fotografias poderiam ser comparadas a imagens armazenadas na memória, enquanto as imagens lembradas são resíduos substituíveis de experiências contínuas. Em muitos casos, lembranças das fotografias substituem lembranças de pessoas ou acontecimentos, que são mutáveis, enquanto a fotografia fixa pode ser revista muitas vezes. (LEITE, 2005, p.145).

O fotojornalismo foi também uma ferramenta dentro desse contexto, onde a história não foi apenas ilustrada por meio das fotografias, mas foi contada e complementada com registros que buscavam trazer o olhar mais próximo do real no momento das visitas às olarias, e inclusive, do flagrante de menores trabalhando em condições proibidas. Nesse momento a deontologia do jornalismo e o próprio estatuto da criança e do adolescente fora consultado, apontando a estreita relação entre a exposição indevida de menores em situação desfavorável, sem autorização e a necessidade de registrar um momento importante para todo o resto da publicação – a cereja do bolo.

A maioria dos fotógrafos sabe, instintivamente, até onde pode ir em relação às formas de obter uma fotografia. Será legítimo usar uma bata branca para penetrar e conseguir fotografias num hospital? Dever-se-á fotografar e entrevistar crianças sem a presença de um adulto? Será aceitável que se tirem fotografias de tipo paparazzi, com teleobjetivas, para conseguir captar momentos da vida privada de personalidades públicas? Têm os ricos e os poderosos os mesmos direitos à vida privada do que as outras pessoas? Qual a diferença entre uma história ser de interesse público e apenas de interesse do público? (KEENE, 2002, p.189)

Atendendo as exigências, as fotografias foram realizadas todas sem mostrar o rosto dos menores, tampouco quaisquer características que permitissem a identificação dos mesmos. De certa forma, essa restrição culminou em um trabalho de fotojornalismo com resultados interessantes, que permeou a busca pelos significantes nas fotografias e a geração de sentido para o leitor partindo da intencionalidade do fotojornalista.

Há então, em uma fotografia muito mais que o relato de um acontecimento. Existe por tanto um discurso muito mais complexo em uma fotografia. O que garante ao receptor a leitura de uma fotografia é que a mensagem fotográfica é composta por códigos abertos e contínuos, ou seja, sem símbolos preestabelecidos (BONI, 2000, p.13).

Os códigos são considerados abertos porque sempre permitem várias leituras. E são contínuos porque sempre permitem, a todos, novas (re)leituras. Códigos abertos e contínuos descondicionam a leitura da mensagem fotográfica do conhecimento de códigos definidos e preestabelecidos. Em outras palavras, qualquer pessoa, ao ver uma imagem, mesmo que seja uma imagem da Rússia publicada num jornal russo, conseguirá extrair dela uma mensagem, por mínima que seja. (BONI, 2000, p.13)

Encerrando as etapas de pesquisa, entrevistas, registros, a produção do texto, que rendeu seis páginas da edição 80 da Revista Painel, passou pelo último momento de checagem de informações por meio do cruzamento de dados estatísticos públicos, outros disponibilizados por organizações não governamentais entre outros bancos de dados. Entendendo a congruência dos relatos, dos dados, dos fatos e da realidade observada pelo próprio repórter, a reportagem foi publicada.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

Partindo da necessidade de relatar que em Piracicaba, que está entre os municípios mais desenvolvidos do Estado de São Paulo, ainda há, infelizmente, casos de trabalho infantil em diversos setores, a pauta que se originou por meio de relatos e pesquisas no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador de Piracicaba (Cerest) culminou em uma ampla visão sobre o assunto.

Isso porque, contrastando com a realidade da exploração de mão de obra infantil irregular, considerada corriqueira, ao menos no setor de olarias do município, bem como o título da reportagem informa - “Olaria explora trabalho infantil em Piracicaba”-, houve um trabalho realizado no setor, por iniciativa do próprio poder público objetivando regulariza-lo.

Desde 2006, quando foram registradas ocorrências de trabalho análogo a escravidão, más condições de trabalho e infraestrutura, o Cerest passou a organizar o setor, levando empresários a se reunirem, o que gerou uma série de incentivos fiscais e socioeducativos para que as olarias tomassem um rumo diferente do que havia no momento. Apesar dos esforços que envolveram uma série de outros órgãos públicos e privados, no ano de 2014 novas denúncias foram realizadas. Ante a esse cenário, a reportagem buscou entender o histórico do setor, a atualidade, as incipiências dos órgãos fiscalizadores regionais e como seriam as novas etapas de reestruturação das olarias, já que as irregularidades ainda permaneceram.

Em meio a esse processo, comprovando as suspeitas do Cerest, do Ministério Público do Trabalho (MPT) e Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), em uma visita repentina realizada pelos órgãos públicos na Olaria Schiavolin - propriedade do presidente da Associação de Empresas e Empresários de Olarias e Cerâmicas Vermelhas de Piracicaba e Região (ASOCERV) - foram flagrados três adolescentes com idades entre 15 e 16 anos trabalhando em local proibido para menores. De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), especificamente em olarias, o trabalho braçal nas áreas de forno e de

armazenamento de tijolos é permitido apenas para pessoas que já atingiram a maioridade. Infligindo o estatuto, era exatamente essa função que os menores desempenhavam.

Contextualizando o factual flagrante com toda a história de oito anos que envolviam tantas organizações públicas e privadas com as olarias, foi possível extrair justificativas do MTE para tamanha discrepância entre o almejado para o setor e a realidade. O esclarecimento, em tom de queixa, foi de que há descaso com o órgão que possui número muito reduzido de funcionários - cinco para atender 15 cidades.

Assim, complementando os depoimentos de sete fontes, o trabalho de fotojornalismo também se fez presente, registrando não apenas o flagrante da exploração de trabalho infantil – que rendeu a foto de capa da revista-, mas também o de outra olaria, denunciando más condições de trabalho e de infraestrutura. Junto de mais 25 publicações produzidas por alunos do 7º semestre do curso de jornalismo da Unimep, a reportagem integrou a edição 80 da Revista Paineis que, monotemática, abordou o tema trabalho e seus assuntos correlatos.

CONSIDERAÇÕES

Realizar essa reportagem, ainda que para uma publicação acadêmica, foi uma experiência que se destacou entre todas até o presente momento. Ao lidar com um tema tão controverso e delicado como o trabalho infantil, além do encontro com uma série de histórias desconhecidas sobre um fato relativamente antigo e pouco observado no município de Piracicaba, muito foi absorvido. Atualmente o jornalismo vive uma transformação que pode o levar para posições que divergem entre um problema social e o serviço da sociedade e da cidadania.

Perante a isso, é sabido que mesmo um jornalista profissional não teria tempo, espaço editorial ou se quer acesso a informações tão aprofundadas sobre um assunto como o tratado pela reportagem, mas não por falta de interesse ou engajamento, mas porque as empresas de comunicação não mais tem dado vazão ao não factual, e quando o fazem, tem deixado a desejar no conceito imparcialidade e autenticidade dos fatos. Em vista disso, poder participar do início ao fim da produção de uma reportagem como essa, desde a busca pela pauta mais adequada, visando o melhor caminho a seguir, além de atender a demanda da função social do jornalismo, a execução deste trabalho foi engrandecedora como pessoa, estudante e futuro jornalista.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZUBEL, Larissa Lauffer Reinhardt. **Jornalismo de revista: um olhar complexo**. Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM): 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/58942/pdf>, acessado em: 06/05/2015.

BONI, Paulo César. **O discurso fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo**. São Paulo: EDUSP, 2000. 306p. Tese (Doutorado em Jornalismo). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FLAUSINO, Cristina Valéria. **Uma proposta comunitária: a Rede Globo pode ter uma?**In **Jornalismo no século XXI: a cidadania**. Hohlfeldt, Antonio e Barbosa, Marialva (org). Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.

KARAM, Francisco José; SCHMITZ, Aldo Antonio. **A ÉTICA DE LADO A LADO: fontes de notícias e jornalistas frente a frente**. Universidade Federal de Santa Catarina: 2010. Disponível em: <https://objethos.files.wordpress.com/2009/09/fontes-de-lado-a-lado.pdf>, acessado em: 06/05/2015.

KEENE, Martin. **Fotojornalismo-Guia Profissional**. Lisboa: Dinalivro, 2002. Tradução Nuno Pinheiro.

LEITE, Miriam L. Moreira. **Retratos de família: imagem paradigmática no passado e no presente**. In: SAMAIN, Etienne (Org.). **O fotográfico**. 2.ed. São Paulo: Hucitec, 2005.

LUSTOSA, E. **O texto da notícia**. Brasília: Universidade de Brasília, 1996.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

PONTE, Cristina. **Leituras das notícias: contributos para uma análise do discurso jornalístico**. Lisboa: Livros Horizonte, 2004.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo – Volume 1**. Florianópolis. Insular: 2005.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.